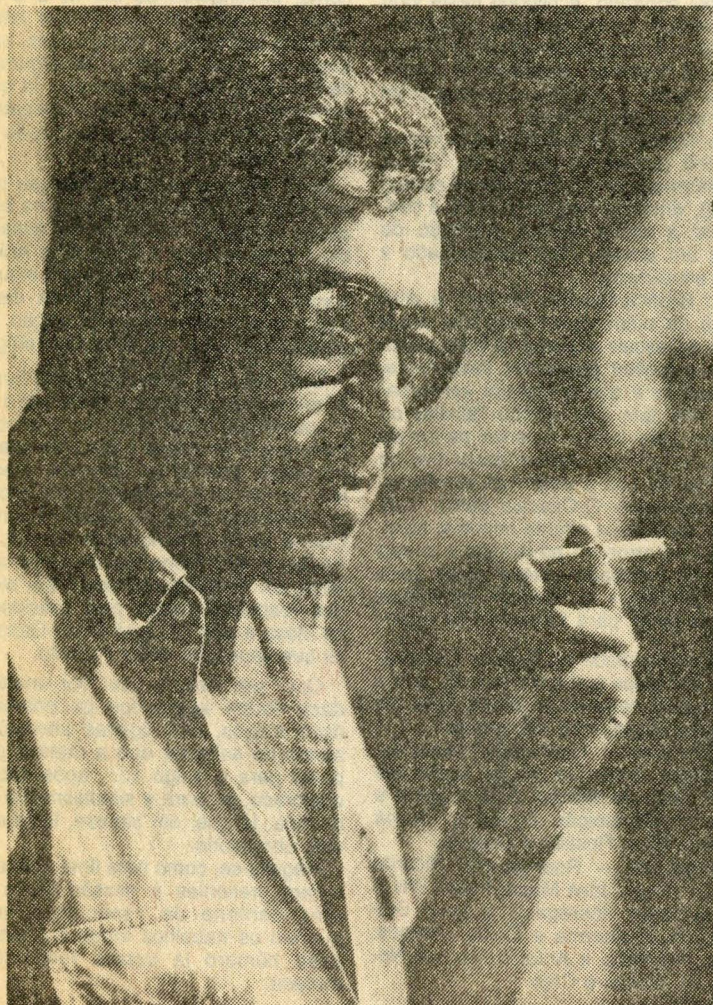


A BOLA
OUT? 1984

FUTEBOL «OFF-SIDE» NA NOSSA LITERATURA

O DEPOIMENTO DE JOSÉ CARDOSO PIRES



Para a série de depoimentos, publicada na nossa edição da passada quinta-feira, relacionada com a ausência do tema futebol na literatura portuguesa, contamos, desde sempre, com a participação de José Cardoso Pires. Motivos a que tanto o escritor como o jornal são alheios, motivaram que o seu depoimento tivesse suportado uma longa viagem antes de chegar às nossas mãos. E, naturalmente, apressamo-nos a publicá-lo.

MESMO em duas linhas, o alheamento do futebol em relação à sua vida artística e literária tem de partir da realidade da Ditadura a que sobrevivemos. Partir do dia em que o Salazar inaugurou o Estádio Nacional clamando triunfalmente que o Povo queria era futebol e que na Rússia não havia futebol. Assim, lembro-me perfeitamente. Guardo o texto como recordação dos ridículos oficiais.

Claro que a manipulação alienadora de qualquer *gauleiter* do desporto do Estádio Novo desenvolverá um cordão sanitário à volta do futebol. Tinha que ser assim, convinha mantê-lo refractário à contaminação intelectual, esse vírus corruptor. A imagem culturalmente primária do comendador oficioso ajustava-se a esse objectivo. Relatava em estilo burocrático e palavroso, como ainda nos lembramos.

Sem a espontaneidade por exemplo, dum reporter inglês, e nunca por nunca se punha em causa o árbitro e quanto às hierarquias ou às instituições, nem pensar. Respeitinho, acima de tudo. De certa maneira, o relato da festa ajustava-se ao *brain washing* desejado pelas polícias do espírito.

Apesar disso, algum do nosso melhor jornalismo fazia-se na imprensa desportiva, naquela que inteligentemente preservava a sua independência. A de maior público, curiosamente, e aquela que depois, em democracia, se mostraria capaz de voz audível e criativa. Apesar disso, também, houve, que eu saiba, pelo menos duas abordagens literárias do fenómeno do futebol português: o texto de Alves Redol que serviu ao (mau) filme *Bola ao Centro* e o romance de Romeu Correia, *Desporto Rei*.

É pouco, convenhamos. Mas em

terra sem liberdade o desporto confina-se ao espectáculo murado e o intelectual tem o trauma dos segregados. Só muito depois os portugueses se vieram a aperceber da indiscutível qualidade cultural de tantas vedetas do relvado que, por repressão do Poder e por generalizações abusivas de todos nós, desfilarão no conceito comum como talentos do instinto pouco mais que elementar.

Resta-me observar, para nosso contentamento, que hoje felizmente o futebol saiu do *gheto* no que respeita aos preconceitos criados por uma Intelligentia ferida de passado e viciada por elitismo de resposta. Penso que sim, e que já não era sem tempo. Ou brevemente teremos o romance que falta sobre o futebol como tema nacional que é. Um tema que nos alegra e nos põe em causa na nossa geometria lúdica e nos nossos domingos coloridos e que, como arte e encontro colectivo, também entre nós terá de ser livro como já foi canção (Paulo de Carvalho, pelo menos). E filme. E quadro.

Quando me lembro do «Futubol em Brodowski» pintado por Portinan, dos «Banhistas com Bola de Praia», de Picasso, ou dos famosos «Desafios de Futebol», de Nicolas De Stael, estou desde logo a apontar uma tradição criativa mais ampla que a literatura, inspirada no mesmo tema.

JOSÉ CARDOSO PIRES